

Notas sobre a população — Lisboa: Área Metropolitana e cidade

Em Portugal, os desequilíbrios de povoamento da população são por de mais evidentes. Neste espaço, tanto a cidade de Lisboa (concelho mais populoso do país) como a Área Metropolitana de Lisboa (zona onde, em 1991, habitavam mais de uma em cada quatro das pessoas residentes no continente) têm uma indiscutível importância populacional.

Contudo, e à semelhança do que acontece com outras cidades europeias, a descentralização populacional domina o «pulsar» da vida em Lisboa: por um lado, da zona central do concelho para os seus limites e, por outro, da cidade em direcção a outros concelhos da Área Metropolitana.

No centro (da cidade ou da Área Metropolitana), os espaços estão a esvaziar-se de residentes e a progressão do envelhecimento manifesta um grau particularmente intenso. Bem diferente é o que se passa nas áreas periféricas, em especial no caso da AML, com alguns concelhos a manifestarem elevadíssimos acréscimos populacionais e uma progressão do envelhecimento da estrutura etária relativamente ténue.

Privilegiaremos, nesta nota, a descrição de tais contrastes com base num duplo olhar sobre a cidade de Lisboa: enquanto um dos concelhos da AML¹ e enquanto conjunto de freguesias.

* Departamento de Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

¹ Algumas das reflexões apresentadas sobre o concelho de Lisboa no âmbito da Área Metropolitana incluem-se num estudo realizado por Maria João Valente Rosa e divulgado no artigo «Lisboa em números: a evolução da população nas últimas quatro décadas», in *Grande Lisboa*, n.º 3, Junho de 1999, pp. 27-33.

1. DINÂMICAS POPULACIONAIS E NÍVEIS DE POVOAMENTO

O concelho de Lisboa, um dos 18 concelhos da AML, continua a ser o mais populoso deste grupo (e também do país), se bem que os que aqui residem sejam cada vez menos.

Segundo os dados dos X e XIII recenseamentos da população, de 1960 para 1991, Lisboa perdeu cerca de 140 000 habitantes, o que corresponde a uma variação populacional negativa de 17% (quadro n.º 1).

Evolução dos volumes populacionais do concelho de Lisboa, da Área Metropolitana de Lisboa e do continente português de 1960 a 1997*

[QUADRO N.º 1]

	1960	1970	1981	1991	1997*
Concelho de Lisboa . . .	802 230 (53% da população da AML) (3% da superfície da AML)	760 150 (41% da população da AML)	807 937 (32% da população da AML)	663 394 (26% da população da AML)	554 050 (22% da população da AML)
Área Metropolitana de Lisboa	1 524 200 (18% da população do continente) (4% da superfície do continente)	1 831 925 (23% da população do continente)	2 500 798 (27% da população do continente)	2 535 679 (27% da população do continente)	2 565 440 (27% da população do continente)
Continente português . .	8 292 540	8 074 975	9 336 760	9 371 448	9 454 240

* Estimativas da população residente (1997), Lisboa, INE.

Fontes: X e XIII Recenseamentos Gerais da População, Lisboa, INE.

Esta diminuição de residentes em Lisboa, particularmente intensa após os anos 80, e que, segundo as estimativas da população para 1997 (INE), parece prolongar-se nos anos 90, em nada se assemelha à evolução populacional observada na AML.

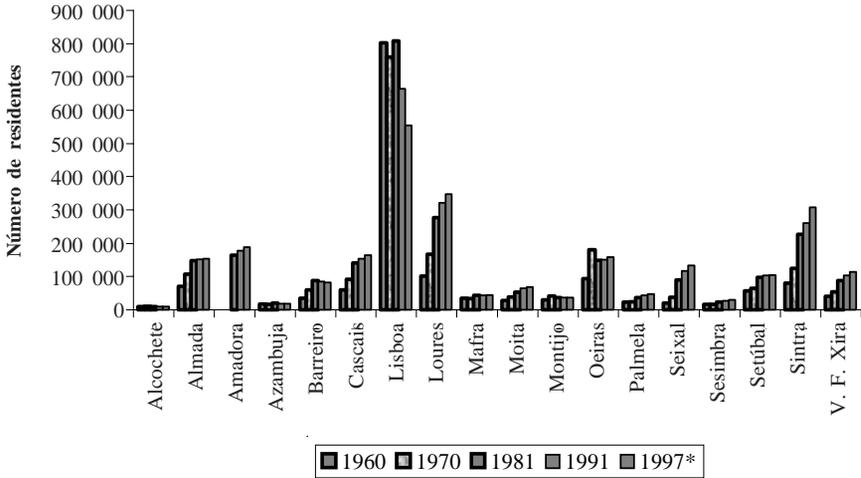
Com efeito, a AML, que ocupa cerca de 4% da superfície do continente, tem vindo a registar um verdadeiro *boom* populacional: entre o início dos anos 60 e o início dos anos 90 passaram a residir nesta região mais de 1 milhão de pessoas (quadro n.º 1).

No âmbito da AML, o concelho de Lisboa foi o único a perder população entre 1960 e os anos 90. Em todos os restantes registaram-se aumen-

tos populacionais, podendo nalguns casos considerar-se tais acréscimos verdadeiramente espectaculares (figura n.º 1).

Evolução do volume populacional por concelhos da AML de 1960² a 1997*

[FIGURA N.º 1]



* Estimativas da população residente (1997), Lisboa, INE.

Fontes: X a XIII Recenseamentos Gerais da População, Lisboa, INE.

Entre estes, destaquem-se as variações populacionais verificadas nos concelhos do Seixal (o qual passou a contar com cerca de 6 vezes mais residentes nos anos 90 do que no início dos anos 60) e de Sintra e Loures (os quais mais do que triplicaram o número de residentes no período em análise). A propósito do concelho de Loures, note-se ainda que, no início dos anos 90, ele tornou-se o 2.º concelho mais populoso do país (passando o concelho do Porto, a partir de então, para 3.º lugar). Quanto aos outros concelhos da AML, os aumentos populacionais, embora menores, também foram importantes. Em muitos, o número de residentes chegou a duplicar entre 1960 e 1991, como foram os casos de Almada, Barreiro, Cascais, Moita e Vila Franca de Xira. Noutros, as variações populacionais foram menos pronun-

² O concelho da Amadora foi criado em 1979 (Lei n.º 45/79), passando a integrar freguesias que pertenciam aos concelhos de Sintra e de Oeiras. Daí que a compressão da variação populacional dos concelhos de Oeiras e de Sintra na década de 70 deva ter em conta esta situação.

ciadas: Alcochete e Azambuja — com aumentos próximos de 10% —, Mafra e Montijo — com aumentos próximos de 20%.

Embora Lisboa tenha sido o único concelho da AML a sofrer uma quebra populacional entre o início dos anos 60 e os anos 90, a sua densidade populacional (número de habitantes por quilómetro quadrado) continua a destacar-se tanto em termos da AML como em termos nacionais.

Com efeito, em 1991, o número de habitantes por quilómetro quadrado no concelho de Lisboa foi de quase 8000, enquanto na AML ele foi de cerca de 800 pessoas por quilómetro quadrado e no continente de um pouco mais de 100 pessoas por quilómetro quadrado na mesma data. A seguir a Lisboa, o 2.º concelho com maior densidade populacional foi o concelho do Porto, figurando logo em 3.ª posição o concelho da Amadora. Já com ordens de grandeza um pouco distantes, aparecem também, na escala dos concelhos mais densamente povoados em termos nacionais, dois outros concelhos da AML: Oeiras e Barreiro, que ocupam o 4.º e o 6.º lugares, respectivamente.

A densidade populacional do concelho de Lisboa, extremamente elevada, está, contudo, a diminuir, verificando-se, em contrapartida, uma densificação populacional, em especial em alguns dos seus concelhos limítrofes, quer a norte (Loures, Vila Franca de Xira, Cascais, Amadora e Sintra), quer a sul (Seixal e Almada).

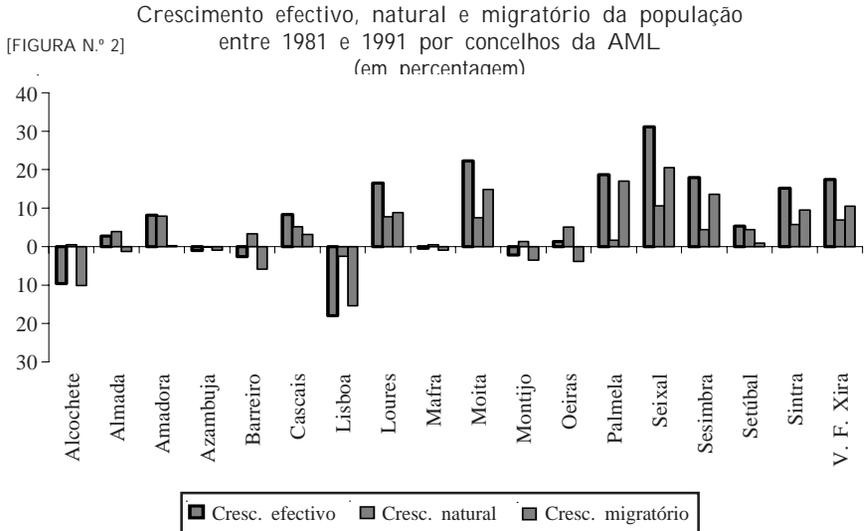
Isto significa que as «opções» por se residir na cidade de Lisboa vão-se progressivamente substituindo por se residir nas suas «margens» mais próximas. Em 1960, mais de metade (53%) da população residente na AML residia no concelho de Lisboa e em 1991 apenas cerca de um quarto (26%) dos residentes nesta área vivem na cidade, valor que, segundo as estimativas da população do INE, é ainda mais baixo (de 22%) em 1997. Em contrapartida, alguns concelhos limítrofes a Lisboa agravam a sua importância populacional no âmbito da AML. Por exemplo, em 1960 cerca de 28% da população da AML residiam em Almada, Amadora³, Cascais, Loures, Oeiras, Seixal e Sintra, percentagem que sobe para 48% em 1981, para 53% em 1991 e para 57% em 1997.

Lisboa está, deste modo, a perder a sua capacidade de atracção enquanto zona de residência, ao contrário do que se verifica com a maioria dos outros espaços em seu redor, sendo essa a principal razão para o progressivo «despovoamento» da cidade. De facto, na década de 80 (período em que a cidade de Lisboa perdeu quase um quinto dos seus residentes) foi o crescimento migratório negativo (isto é, o número de saídas de pessoas superior ao das entradas) que mais contribuiu para explicar o sucedido com a evolução do número de residentes (figura n.º 2).

Se, no âmbito da AML, a evolução do número de residentes contrapõe a situação da cidade de Lisboa com a realidade de outros concelhos que lhe

³ Nos anos 60 a referência ao concelho da Amadora é possível ser feita em conjunto com os concelhos de Oeiras e de Sintra.

estão próximos, no interior da própria cidade também são sensíveis as diferenças entre as zonas que vão perdendo a sua função residencial (zona central) e as zonas (em número cada vez menor) que parecem resistir melhor ao «esvaziar» de residentes (zona periférica).



Fonte: Alterações Demográficas nas Regiões Portuguesas entre 1981 e 1991, Lisboa, INE-GED.

Um estudo realizado sobre Lisboa⁴ propõe um agrupamento das freguesias da cidade em três grandes zonas concêntricas:

- a) *Zona central* (22 freguesias, que correspondem ao centro histórico da cidade e a uma parte da Lisboa antiga): Castelo, Coração de Jesus, Encarnação, Graça, Madalena, Mártires, Mercês, Pena, Sacramento, Santa Catarina, Santa Justa, Santiago, Santo Estêvão, São Cristóvão e São Lourenço, São José, São Mamede, São Miguel, São Nicolau, São Paulo, São Vicente de Fora, Sé e Socorro;
- b) *Zona intermediária* (17 freguesias, que correspondem à 1.ª fase de crescimento/expansão da construção urbana, do fim do século XIX aos anos 40/50): Santa Isabel, São Sebastião da Pedreira, São Jorge de Arroios, Anjos, Santa Engrácia, Santos-o-Velho, Lapa, Beato, Prazeres, Alvalade, Santo Condestável, Campolide, Nossa Senhora de Fátima, Alto do Pina, Penha de França, São João e São João de Deus;

⁴ V. Ana Fernandes Santos e M. F. Royer Cruz (1990), «Crescimento urbano e dinâmica populacional: análise da cidade de Lisboa a partir dos últimos recenseamentos», in *Actas do Congresso Viver (n) a Cidade*, LNEC, pp. 353-369.

- c) *Zona periférica* (14 freguesias, que correspondem a uma área recente — após os anos 60 — de densificação urbana): Santa Maria de Belém, Ajuda, Benfica, Carnide, Lumiar, Ameixoeira, Charneca, Santa Maria dos Olivais, Alcântara, Campo Grande, São Francisco Xavier, São Domingos de Benfica, São João de Brito e Marvila.

A distância de cada uma das juntas de freguesia à sede do concelho (freguesia de São Nicolau) tem também alguma correspondência com cada uma das três zonas propostas⁵. Assim, na zona central a maioria das freguesias dista 3 (ou menos) km em relação à sede (salvo as freguesias de São Miguel e de São Vicente de Fora, que distam 6 km e 4 km, respectivamente), na zona intermediária a maioria das freguesias dista à sede do concelho entre 3 km e 6 km (salvo a freguesia de Campolide, que dista 8 km) e na zona periférica a maioria das freguesias dista 8 ou mais km em relação à sede (salvo as freguesias de Santa Maria de Belém, Alcântara e São João, que distam 5 km, e a freguesia do Campo Grande, que dista 6 km).

A partir desta grelha de agrupamento das freguesias pode concluir-se que é na zona mais periférica da cidade que se localizam as freguesias com menores decréscimos populacionais, ou porventura com alguns aumentos, se bem que nesta última situação se inclua um número cada vez menor de freguesias (quadro n.º 2). Em paralelo, e no que diz respeito às densidades populacionais, verifica-se que são essencialmente as freguesias das zonas central ou intermediária que revelam um número de habitantes por quilómetro quadrado mais elevado.

Freguesias de Lisboa com aumentos populacionais por décadas

[QUADRO N.º 2]

Década de 60	Década de 70	Década de 80
Ameixoeira Benfica Carnide Charneca Lumiar Marvila Santa Maria dos Olivais São Domingos de Benfica São Francisco Xavier São João de Brito	Ameixoeira Benfica Carnide Charneca Lumiar Marvila Santa Maria dos Olivais São Domingos de Benfica São Francisco Xavier	Carnide Lumiar Marvila

Fontes: *X a XIII Recenseamentos Gerais da População*, Lisboa, INE.

⁵ Dados retirados do *Inventário Municipal: Região de Lisboa e Vale do Tejo* (1995), INE e CCRLVT, vol. II.

Assim, se, em termos nacionais, o concelho de Lisboa apresenta um número de habitantes por quilómetro quadrado muito alto (de cerca de 8000), existem freguesias onde o resultado desse indicador atinge valores superiores a 20 000, todas localizadas nas zonas central ou intermédia. Paralelamente, existem freguesias onde os valores da densidade populacional não chegam, em 1991, a atingir os 5000 habitantes/km² (a maioria pertencente à zona periférica) (quadro n.º 3). Ainda relativamente ao grupo de freguesias com densidades populacionais mais baixas, cabe notar que nesse conjunto se incluem as duas freguesias menos populosas da cidade (Mártires e Madalena, com 401 e 526 habitantes em 1991, respectivamente) e a freguesia mais populosa (Santa Maria dos Olivais, com 51 367 habitantes em 1991).

Freguesias de Lisboa com densidades populacionais superiores a 20 000 hab./km² e inferiores a 5000 hab./km² em 1991 (por ordem decrescente)

[QUADRO N.º 3]

Densidades populacionais superiores a 20 000	Densidades populacionais inferiores a 5000
Socorro	Campo Grande
São Cristóvão e São Lourenço	Santa Justa
Penha de França	Santa Maria dos Olivais
Anjos	Madalena
Graça	Alcântara
Santa Catarina	Mártires
Santo Condestável	São Francisco Xavier
Encarnação	Carnide
São Jorge de Arroios	Santa Maria de Belém

2. ESTRUTURAS ETÁRIAS

Para além das heterogeneidades de dinâmica populacional e de povoamento assinaladas, a composição etária da cidade de Lisboa também apresenta alguns traços de singularidade quando comparada com outros concelhos da AML.

Relativamente à população em idade activa (com idades compreendidas entre os 15 e os 64 anos), ela é, tanto no início dos anos 60 como nos anos 90, o grupo etário maioritário em todos os concelhos da AML: cerca de duas em cada três pessoas encontram-se nestas idades. Quanto ao concelho de Lisboa, releve-se, porém, que, embora a população em idade activa também aqui seja maioritária, este grupo etário tem sofrido significativas quebras de importância.

Em 1960, a percentagem de população em idade activa (de 73%) do concelho de Lisboa era a mais elevada da AML (sendo também bastante superior à percentagem deste grupo etário observada, no início dos anos 60,

em Portugal, a qual foi de 63%). Passadas três décadas, o valor quebra significativamente, passando Lisboa a revelar, em 1991, uma percentagem de população em idade activa (de 67%) das mais baixas da AML, sendo esse valor quase idêntico ao verificado em Portugal nesta mesma data (e que foi de 66%). Em 1997, e segundo as estimativas do INE, essa percentagem ainda baixa mais, passando para 65%.

Ao referido declínio da importância relativa da população em idade activa vai corresponder uma diminuição do número de pessoas que, neste grupo de idades, residem no concelho de Lisboa: em 1960 esse número era superior a 580 000 pessoas, passando para 539 000 em 1981, para 444 000 em 1991 e para cerca de 362 000 em 1997 (de acordo com as estimativas a que já fizemos referência). Note-se ainda que a quebra no número de pessoas residentes no concelho de Lisboa em idade activa, especialmente sentida depois dos anos 80, é particularmente manifesta no caso das pessoas mais jovens deste grupo etário. De facto, com 15-24 anos, residiam em Lisboa cerca de 121 000 pessoas em 1981, valor que baixa para 99 000 em 1991 e que poderá estar próximo das 70 000 pessoas em 1997.

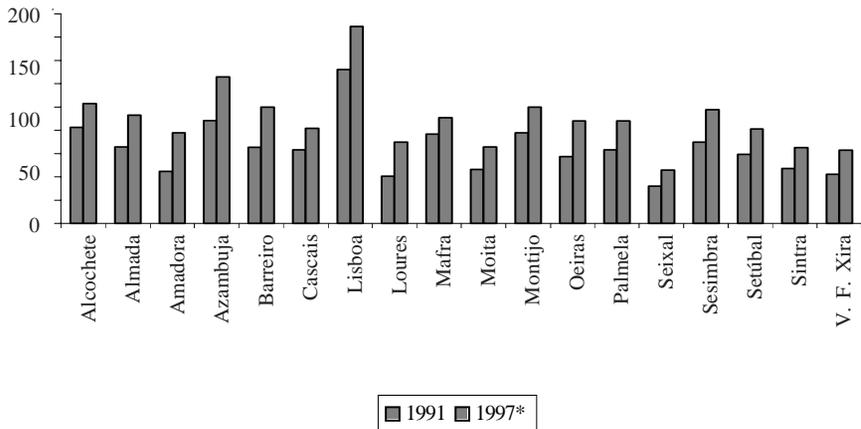
Dentro da cidade, e pela análise da importância de pessoas em idade activa nas várias freguesias de Lisboa, pode concluir-se que é também na zona periférica que se localizam as freguesias com valores mais elevados e na zona central onde se encontram os valores mais baixos. Assim, embora em qualquer das freguesias da cidade a população em idade activa (15-64 anos) represente mais de metade dos residentes, existem casos em que este grupo etário equivale a não menos de 70% dos residentes (Ameixoeira, Benfica, Santa Maria dos Olivais, São Domingos de Benfica e São Francisco Xavier) e outros onde essas percentagens são iguais ou inferiores a 60% (Castelo, Encarnação, Madalena e Mártires). Acresce ainda, no que se refere aos mais jovens em idade activa, que são igualmente as freguesias da zona central onde a importância das pessoas nessas idades é menos significativa (nas freguesias dos Mártires e da Madalena apenas cerca uma em cada dez pessoas residentes em 1991 tinham idades entre os 15 e os 24 anos), passando-se precisamente o contrário em algumas freguesias da zona periférica da cidade (nas freguesias da Charneca e de Marvila, cerca de um quinto dos residentes em 1991 tinham entre 15 e 24 anos).

Quanto à progressão do envelhecimento da estrutura etária, assinala-se que em todos os concelhos da AML se verifica, de 1960 para 1991, uma diminuição das percentagens da população em idade jovem (menos de 15 anos) e um aumento das percentagens da população em idade idosa, situação que, ao que tudo indica, se prolonga (acentua) durante os anos 90. Daqui resulta um progressivo aumento do número de pessoas em idade idosa por cada 100 jovens (figura n.º 3). Em 1991 a cidade de Lisboa era o único concelho da AML onde a população em idade jovem (menos de 15 anos) já

era menos significativa do que a população em idade idosa (com 65 e mais anos) e em 1997 (estimativas, INE), para além de Lisboa, o mesmo parece já acontecer nos concelhos de Alcochete e da Azambuja. Mas, embora o envelhecimento seja manifesto em todos os concelhos da AML, Lisboa continua a ser o concelho mais envelhecido, apresentando o grupo de pessoas em idade idosa uma importância particularmente relevante (de 19% em 1991 e de 22% em 1997), sendo também significativo o número de pessoas deste grupo etário que vivem sós (segundo os dados do último recenseamento, havia cerca de 1 em cada 4 pessoas deste grupo etário que, residindo na cidade de Lisboa, declarou viver só⁶).

Índice de envelhecimento — número de pessoas com 65 e mais anos por cada 100 com menos de 15 anos — por concelhos da AML em 1991 e 1997*

[FIGURA N.º 3]



* Estimativas da população residente (1997), Lisboa, INE.

Fonte: XIII Recenseamento Geral da População, Lisboa, INE.

Relativamente aos traços familiares da população de Lisboa, abra-se um parêntesis para notar a baixa dimensão média da família neste concelho (de 2,7 pessoas em 1991) comparativamente ao valor médio nacional (que foi de 3,1 pessoas), se bem que existam freguesias, todas localizadas na zona

⁶ Número que pode ser considerado extremamente elevado se comparado, por exemplo, com os valores do país. Em 1991, dos 1 342 221 portugueses com 65 e mais anos, 18% viviam sós.

periférica da cidade, onde os valores são, em 1991, mais elevados do que a média nacional. São elas Carnide e Santa Maria dos Olivais (3,3 pessoas), Charneca (3,5 pessoas) e Marvila (3,6 pessoas). Por outro lado, acresce ainda a elevada importância que, no concelho de Lisboa, têm as situações de nascimentos fora do casamento. Aqui, e em 1997, mais de um terço dos nascimentos (36%) ocorridos foram fora do casamento, valor que no país foi de 20% e no conjunto da AML de 31%.

Regressando à composição etária da população do concelho de Lisboa, a sua estrutura etária, bastante envelhecida, contrasta claramente com a composição etária de outros concelhos da AML, nomeadamente o Seixal (7.º concelho do país com o índice de envelhecimento mais baixo em 1991). Assim, enquanto no concelho do Seixal existiam, em 1991, apenas 32 pessoas com 65 e mais anos por cada 100 com menos de 15 anos (valor que poderá ter subido para 46 em 1997), em Lisboa, a relação de forças entre esses dois grandes grupos de idade é totalmente oposta: por cada 100 pessoas com menos de 15 anos contam-se, em 1991, 132 com 65 e mais anos (valor que poderá estar muito próximo dos 170 em 1997).

No âmbito do concelho de Lisboa, que apresenta níveis de envelhecimento extremamente significativos quando comparados com os observados noutros concelhos da AML, é possível encontrarem-se zonas (freguesias) excepcionalmente envelhecidas. Em 1991, 47 das 53 freguesias de Lisboa apresentavam um número de pessoas com 65 e mais anos superior ao número de pessoas com menos de 15 anos, sendo novamente nas zonas central e intermediária que se localizam as freguesias mais envelhecidas (existindo freguesias nessas zonas onde o número de pessoas idosas corresponde a mais de duas vezes e meia o número de jovens) e na zona periférica da cidade que se localizam as freguesias com níveis de envelhecimento mais baixos (quadro n.º 4).

Freguesias de Lisboa com índices de envelhecimento inferiores a 100 e superiores a 250 em 1991 (por ordem crescente)

[QUADRO N.º 4]

Índices de envelhecimento menores do que 100	Índices de envelhecimento maiores do que 250
Charneca (31)	Santa Justa (254)
Marvila (37)	Coração de Jesus (254)
Ameixoeira (43)	São Jorge de Arroios (261)
Lumiar (48)	Madalena (296)
Carnide (49)	São João de Deus (298)
Benfica (96)	Alvalade (300)
Alto do Pina (99)	São Nicolau (335)

Fonte: XIII Recenseamento Geral da População, infoline (tema «Demografia»), Lisboa, INE.

3. OBSERVAÇÕES FINAIS

Assim, e se numa perspectiva nacional a Região de Lisboa corresponde ao exemplo mais evidente da existência de forte concentração de pessoas e de actividades, uma análise mais pormenorizada deste espaço confirma a existência de uma descentralização de pessoas no que respeita à residência.

A cidade, local de vida intensa durante o dia, está a perder, a favor da periferia, importância enquanto local de residência e a sua população residente vai envelhecendo de uma forma particularmente intensa. Esta situação, embora seja sensível dentro da própria cidade de Lisboa, manifesta-se de um modo particularmente evidente quando se compara Lisboa com a realidade de outros concelhos da AML. É como se o centro da cidade estivesse a alargar-se a toda a sua área administrativa, «empurrando» a zona periférica para fora dos seus limites.

A cidade de Lisboa torna-se, assim, um local de residência que perde dinamismo, o que se manifesta não apenas na evolução do número de habitantes ou do seu perfil etário. A análise dos dados de um inquérito (1999) a uma amostra aleatória de 800 indivíduos com mais de 15 anos residentes em Lisboa⁷ revela que a maioria dos habitantes de Lisboa são-no há mais de vinte anos e que têm mais de 45 anos.

Entre os aspectos mais negativos da cidade de Lisboa assinalados pelos inquiridos estão o trânsito/engarrafamentos e a insegurança. Isto não quer dizer, porém, que exista uma opinião marcadamente desfavorável em relação a residir na cidade. Com efeito, e segundo os resultados do referido inquérito, uma larga maioria de pessoas, especialmente as pessoas mais novas e que vivem na cidade há menos tempo, afirmam gostar de viver na cidade. Mas, se são precisamente as pessoas mais jovens aquelas que manifestam uma opinião mais favorável em relação à vida na cidade, que reconhecem a centralidade de Lisboa como uma das suas principais vantagens, que mais referem estar a existir uma melhoria da qualidade de vida na cidade, etc., é também esta categoria populacional a que está a perder mais força enquanto grupo residente.

Os sinais da importância da cidade de Lisboa, enquanto espaço de referência central na vida dos cidadãos revelam, assim, uma oposição cada vez mais evidente com a experiência de residir na cidade, a qual se faz cada vez mais fora das suas margens.

⁷ V. «A vida de uma cidade. O que pensam os Lisboetas da sua cidade», in *Grande Lisboa*, n.º 3, Junho de 1999, pp. 71-80, que divulga os resultados de um inquérito realizado telefonicamente, entre os dias 5 e 14 de Março de 1999, pela empresa Metris.